



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

“UM GRÊMIO ESTUDANTIL MAIS POLITIZADO”: FORMAS DE ENGAJAMENTO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM UM GRÊMIO ESTUDANTIL.

Fernanda Brasil Mendes

PUCRS

fbrasilmendes@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

As discussões em torno da participação juvenil apontam na direção de novas formas de ações coletivas, no entanto procuro investigar as atuais formas de engajamento e participação em um grêmio estudantil. Este trabalho é um estudo de caso com o qual busco demonstrar quem são esses jovens que valorizam a participação em uma organização política dentro do ambiente escolar e qual o significado que atribuem a essa participação. O grêmio estudantil é um espaço de representação dos jovens na escola, e também de sociabilidade, lazer e política. Para compreender a relação entre as formas de engajamento ali presentes e a constituição identitária de seus membros utilizo como referência o conceito de autoimagem. Segundo Novaes (1993), a autoimagem permite entender as relações concretas e imediatas entre um grupo social com outros grupos ou indivíduos, em consequência de suas características não fixas e dinâmicas. A partir da metáfora do jogo de espelhos, é possível compreender a atuação política de um grupo. O termo jogo é utilizado no sentido de que a autoimagem é constituída na relação com os outros e modifica-se em frente aos diferentes *outros* com quem se estabelece contato, possibilitando uma reflexão sobre sua atuação. É como se o olhar transformasse o outro em um espelho, através do qual aquele que olha se vê refletido. Cada outro é um espelho diferente que reflete imagens diferentes entre si. Segundo Novaes (1993), o termo espelho significa “processos de reflexão e especulação que o individuo elabora



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

sobre si” (NOVAES, 1993, p. 108). A imagem que o grupo vê refletida vai modificando-se e permite alterações na autoimagem e nas ações que o grupo realiza em função de cada outro que se relaciona (NOVAES, 1993).

O trabalho de campo no grêmio estudantil da Escola Estadual de Ensino Médio e Técnico Parobé foi realizado no período compreendido entre maio de 2009 e dezembro de 2010. Ao longo da pesquisa, observei a atuação da chapa Organização, Consciência e Luta, durante os primeiros meses de sua gestão, bem como o período de re-eleição até o final do mandato. Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizadas observações e entrevistas com os dirigentes e alguns frequentadores do grêmio, e entrevistas rápidas a partir de perguntas semiestruturadas com jovens que não participam do grêmio; contudo, busquei acompanhar a trajetória dos quatro integrantes que compõem a direção da agremiação. Este trabalho é o resultado de uma pesquisa etnográfica desenvolvida através do convívio com os estudantes nos espaços escolares, cujos resultados foram apresentados como dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Ao longo da pesquisa pude constatar a importância que atribuem a “ter consciência”. Verifiquei também as dinâmicas existentes na relação entre eles e os frequentadores do grêmio e os demais estudantes da escola, as dificuldades que os jovens dirigentes têm em motivar seus pares a participar e organizar as atividades cotidianas. Existe uma tensão que envolve os integrantes do GEPA em conciliar as atividades na agremiação e fora dela. Entende-se que não há uma juventude, e sim jovens cujas experiências estão situadas em um contexto sócio-cultural no qual se inserem. A vida cotidiana dos jovens apresenta múltiplas possibilidades e diversidades, entretanto essas dimensões nem sempre aparecem nas representações sobre os jovens existentes na sociedade. (DAYRELL; CARRANO [2003?]).

2 FORMAS DE ENGAJAMENTO NO GEPA



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Para uma chapa concorrer às eleições do grêmio é necessário que tenha onze estudantes para assinar a nominata no ato da inscrição. Com onze estudantes, a chapa Organização, Consciência e Luta foi formada. No entanto, alguns desses estudantes apenas assinaram o documento, mas não participaram das atividades desenvolvidas pelo grêmio. Em 2009, sua direção era formada por quatro estudantes do ensino técnico com idades entre 19 e 25 anos. Dois integrantes do grêmio faziam parte de uma organização política chamada Luta Marxista, Tadeu e Stuart. Esta experiência teria influenciado a formação de uma chapa para concorrer ao grêmio. Depois foram trazendo os demais integrantes em torno das ideias expostas em panfletos e conversas que estabeleciam nas entregas destes panfletos. Márcio e Leandro não tinham participado de organizações políticas anteriormente, mas assumiram esse compromisso no GEPA, formando sua direção. Em termos de hierarquia, Stuart sempre exerceu um papel centralizador, ele distribuiu as tarefas e detém a última palavra sobre todas as atividades. Contudo, a partir da re-eleição, os dirigentes do GEPA dispersaram-se devido aos seus compromissos fora da escola como trabalho e, também, seus estágios institucionais. Nesse período, principalmente, alguns voluntários (estudantes que de tanto frequentarem o grêmio acabaram contribuindo com sua administração) passaram a ter uma participação mais ativa para manter a agremiação com as portas abertas.

Algumas categorias nativas em torno da participação

Trago algumas categorias utilizadas pelos membros do grupo que considero importante para situar seus valores e suas atuações.

Castro (2008) salienta dois aspectos subjetivos fundamentais para o processo de assumir-se como membro de uma sociedade. São eles o pertencimento e a responsabilização. No processo de assumir-se como membro a autora observa duas passagens:

uma que se dá por meio de novas identificações com objetivos coletivamente gerados, outra que se realiza por meio do engajamento concreto do indivíduo em ações e movimentos com os outros, propiciando novas determinações e fluxos dentro da sociedade (CASTRO, 2008, p. 253).

A autora acrescenta que o processo de construção da subjetividade política está relacionado às experiências de comparecimento e adesão no qual os jovens participam



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

de lutas e disputas em torno de algo que vai mal ao seu redor ou na sociedade mais ampla na busca da justiça, da igualdade, da emancipação (CASTRO, 2008). A participação pode ser vista como um fenômeno no qual o coletivo e o individual estão relacionados; ela gera, como no caso estudado, fronteiras e identidades. Nesse sentido, desejamos discutir a participação como uma demanda subjetiva, isto é, como o reposicionamento que os indivíduos fazem frente à sociedade mais ampla, expresso pela maneira como cada um busca vincular-se à coletividade e lançar-se em espaços de discurso e de ação no intuito de afirmar-se como seus membros (CASTRO, 2008, p. 254). Nesta perspectiva, a participação no grêmio estudantil deve permitir que os jovens inquietem-se com os problemas do cotidiano ao seu redor e unam-se para pensar alternativas e soluções ao que vai mal na escola, criando sentimentos de pertencimento e responsabilização. Assim vão construindo identidades com as quais direcionam sua atuação.

Para os dirigentes do GEPA, “ser consciente” está ligado à compreensão que os sujeitos têm dos problemas sociais que afetam a sociedade em geral. Segundo as ideias trazidas por Stuart e Tadeu, também participantes da organização política Luta Marxista, a forma como o sistema econômico funciona acarreta muitas mazelas. “Ser politizado” é perceber que esses problemas não pairam sobre a sociedade, mas influenciam na vida cotidiana de todos os indivíduos. É preciso, portanto, ser contestador, ter uma visão crítica da realidade social no sentido de pensar alternativas para a vida em sociedade. A “consciência” para os jovens gremistas tem a ver, também, com atitude responsável para com o outro. Ao assumir um compromisso, o sujeito deve cumpri-lo com seriedade. Fazer política é estar presente contribuindo com a organização e a administração do grêmio.

A política tem uma dimensão teórica e outra, prática. Em alguns momentos constatei que a dimensão teórica era mais valorizada por eles, pois aquele que sabe discutir política e os problemas sociais do país é visto como mais politizado, mais “político”. Contudo, a ação engajada é o elemento que uniu esses quatro jovens; eles consideram-se diferenciados por participar do grêmio, quando elaboram um panfleto, fazem um cartão escolar, atendem a um colega durante o dia no GEPA afirmam que estão fazendo política. A participação no grêmio traz consigo o reconhecimento pelos outros



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

estudantes. Como membros da direção do GEPA, tornaram-se mais populares na escola, e veem o trabalho que fazem como importante a essa comunidade. Ter consciência política, ser politizado são qualidades que os quatro jovens reivindicam para si. Em contraponto, caracterizam os jovens que não se engajam nas atividades propostas pelo grêmio como “abobados”. As reclamações são constantes nas falas dos dirigentes acerca das dificuldades que enfrentam para organizar esse espaço e continuar lutando pelas mudanças idealizadas para sua escola. Encontram dificuldade também em motivar outros colegas a se unirem na luta. A frequência no grêmio não confere status de politizado ao estudante aos olhos da direção do GEPA. Para tanto, é preciso que o jovem se envolva no processo de construção de um grêmio democrático, durante discussões e reuniões propostas pelo grupo para então aflorar o potencial crítico, levando adiante os objetivos por eles idealizados. O “abobado” é caracterizado como pacato, distante da realidade ao seu redor porque não assume uma postura de intervenção no cotidiano escolar. Na visão dos dirigentes, os “abobados” usufruem do grêmio exclusivamente como um espaço de lazer, de sociabilidade. “Conscientização” aparece como o entendimento da causa dos problemas sociais; o dar-se conta de que a vida em sociedade implica o conhecimento da realidade social que nos circunda.

Na aproximação ao cotidiano do grêmio interesse-me pelos jogos identitários dos quais os jovens participam nesse espaço singular. Busco entender o processo de formação e transformação da autoimagem deste grupo a partir do contato estabelecido com os outros. Este interesse se justifica, pois permite dar visibilidade a formas contemporâneas de apropriação deste espaço “tradicional” de participação política juvenil e das atuais características do engajamento dos estudantes.

Em junho de 2009, os estudantes estavam mobilizados em torno de uma viagem ao Rio de Janeiro na qual o grêmio poderia levar doze delegados para participar do Congresso Nacional dos Estudantes (CNE). Organizaram-se para a realização de uma assembleia que iria decidir quantos jovens de duas chapas viajariam. A mobilização em torno do Congresso gerou muitas discussões, panfletagens, angústias. Neste período, atentei para as características salientadas pela direção do GEPA imagens que gostariam de ver ligadas a sua gestão como um grêmio consciente e politizado.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Nesta disputa duas chapas foram organizadas: a da atual direção e a chapa de “oposição”, que tem como líder uma estudante membro da direção anterior (2007-2008). Paola faz parte de uma organização política chamada Movimento Revolucionário. A primeira a falar foi Paola, integrante da chapa de oposição. Disse ser importante um movimento estudantil que não recebe dinheiro do governo, nem de partido político; considerava que partidários podem participar, mas de forma independente. Falou que o propósito do Congresso é criar um novo movimento estudantil e explicou as normas para participar do encontro. Segundo sua opinião, o ideal seria que a escola pudesse levar um ônibus cheio para que mais estudantes participassem. Paola e Stuart estão em lados opostos, não por questões ideológicas, mas por força das circunstâncias. Paola não tem participado das discussões no grêmio, alegando ter outras ocupações que estão lhe afastando da escola. Portanto, não consegue acompanhar o cotidiano da agremiação. Considero que Paola está incluída na categoria “consciente”; no entanto, para fazer parte do grupo, além de ter um “pensamento de esquerda”, portanto politizado, na visão da direção do grêmio, é preciso assumir um compromisso e estar presente na agremiação. Ela é vista pelos dirigentes do GEPA como inconstante por conta da sua participação na gestão anterior. Durante as reuniões realizadas em torno desse assunto pude constatar que a categoria “consciência política” é uma importante marca de distinção para o grupo. Os estudantes que eles consideram “mais conscientes” poderiam participar da chapa do grêmio. Os adjetivos “abobados” e “idiotas” são utilizados para distanciar aqueles que não são os mais “apropriados” para representar o Grêmio Estudantil do Parobé no Congresso. Em uma das reuniões do núcleo GEPA, quando reunidos para decidirem quem gostariam que compusesse a chapa para ir ao Congresso, Stuart, conversando com Tadeu, disse: “ele é gurizão, mas dá pra tentar, é meio abobado porque é gurizão ainda”. Por reivindicar uma identidade vinculada a um ideal de jovem politizado, estabelecem fronteiras. Aqueles que “não querem, não sabem discutir política, defender a tese”, que tenha um pensamento alinhado com “o sistema”, ou que só falam “bobagens o tempo todo”, que só vão ao grêmio para ouvir música e não se engajam nas atividades são inseridos na categoria “abobados”. Um exemplo pode ser trazido da fala de um dos dirigentes referindo-se a Sofia, estudante do ensino médio que participou da primeira gestão da chapa



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Organização, Consciência e Luta, “ah ela vinha aqui pra fazer os temas na mesa e vender bijuterias”, “estamos tentando levar pro Congresso pessoas minimamente conscientes”.

Neste sentido, Stuart disse:

levar gente que não tem consciência mínima para o Congresso não dá, porque tem que participar dos debates e colocar a tese que o GEPA defende. Tem que ler e reler pra poder falar. Não é para ir pro Rio pra ficar bebendo e conversando, pode, também, mas o principal é a discussão política, o debate político.

O importante é que os representantes do GEPA tenham a preocupação de ler o que eles chamam de tese para depois discutir essas ideias e defendê-las, mostrando um grêmio engajado com uma proposta política para os estudantes e o país. As categorias apropriadas pelo grupo mostram-se de forma particular nos discursos de cada integrante. No grupo, mesmo que não usem a palavra “consciente” durante as conversas, essa característica é ressaltada implicitamente pelos membros da direção e os voluntários do GEPA, como forma de diferenciação positiva. Conforme foi ressaltado anteriormente, a categoria “abobado” é utilizada sempre como forma de acusação com relação a alguém preterido pelo grupo. No momento em que o grêmio está mais ativo, o grupo se vê de forma positiva e rebate as críticas buscando subjugar seus interlocutores. Quando o grupo começa a dispersar-se devido às obrigações fora da escola, os valores que orientaram seu programa e o engajamento no grêmio são questionados e de certa forma os jovens dirigentes vão assimilando uma imagem mais depreciativa. Para a direção do GEPA o ato de participar está relacionado com responsabilidade, seriedade e comprometimento. Demonstram que a questão não é só manter o grêmio aberto; eles querem fazer algo importante, significativo para a escola. As frustrações decorrem também das imagens idealizadas que os estudantes reivindicam. Estas podem ser um referencial que ao não ser visto na prática gera desânimo “o que faz com que acabem desvalorizando ou não reconhecendo a singularidade de suas ações” (MARTINS, 2010, p. 154).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Em uma tarde, quando cheguei ao Parobé para mais um dia de observação, sentados no banco em frente ao grêmio, estavam Fábio, um dos voluntários, e Márcio. Perguntei por Stuart e Márcio respondeu que, mais uma vez, foi ao grêmio e ele não estava. Márcio disse: “ele é mais político, eu sou mais prático”. Fábio concordou com Márcio e falou sobre o colega: “bah o Stuart vive na ditadura”. Comentaram sobre os empecilhos para a elaboração do jornal. Em 2010, ainda não tinham publicado nenhuma edição, porque não conseguiram chegar a um acordo sobre seu conteúdo.

Segundo Fábio:

mas o jornal tem que ser informativo o Stuart só quer tacar o pau, ele quer falar do governo da Yeda, o pessoal não lê, o pessoal não gosta de ler. Não digo por nós do grêmio, mas o pessoal não vai querer ler, porque eles nem sabem que essas coisas interferem no nosso dia a dia. Só quando afeta no valor da comida, da passagem. Eles só vão ler o que cai no vestibular, não adianta o Stuart querer.

Márcio continuou: “é mesmo o Stuart banuiu aquela coluna que a guria queria fazer... é o Stuart só quer ... é que ele vem com as ideias políticas, é muito brigão”. Ao mesmo tempo em que Fábio e Márcio discordam de publicar no jornal questões sobre “o governo Yeda”, eles se colocam na posição de quem entende e se interessa por política, têm conhecimento sobre os impactos das decisões de um governo na vida das pessoas. Elementos que, segundo eles, os diferenciam dos demais estudantes do Parobé. Então, se o interesse é de ter mais leitores para o jornal, os assuntos devem ser mais informativos e menos “políticos”. Fábio comentou com Márcio que se Stuart não relativizar sua posição em algumas questões os outros estudantes não iriam concordar. O líder do grupo é visto pelos demais integrantes do grêmio como “brigão, radical” em suas opiniões políticas e julgamentos dos fatos cotidianos. A visão política desse jovem está vinculada a sua socialização política na Organização da qual fazia parte.

O protesto

Um momento de bastante debate do grêmio com os demais estudantes da escola girou em torno de um protesto organizado contra a falta de qualidade do xerox e um boicote ao bar, entre outras reivindicações. Os estudantes organizaram reuniões com os líderes de turma para que eles levantassem junto a seus colegas questões que os incomodavam na escola. No dia do protesto passei logo cedo em frente à escola e lá estavam eles,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Stuart com megafone convocando os estudantes a participarem do protesto e permanecerem ali na mobilização. Dias antes produziram os cartazes e panfletos. Para a segunda etapa do evento, horário do intervalo, compraram refrigerantes e pastéis para vender durante o piquenique. Disseram que depois do protesto em frente às catracas foram até o bar e lá ficaram vendendo salgados a um real, com um copo de refrigerante no mesmo valor. Contaram-me com satisfação sobre a venda de todos os produtos. No período do intervalo os estudantes estavam proibidos de sair da escola. Segundo os dirigentes do grêmio, essa medida foi tomada porque o dono do bar estava perdendo lucro e acertou com o diretor de fechar as catracas.

O protesto não teve boa repercussão diante de funcionários e direção da escola. Ouvi um dos funcionários que trabalha na portaria falar, referindo-se a Stuart: “isso é coisa dele, protesto!”, comentando com outro funcionário enquanto ria. Os dirigentes do grêmio têm uma visão de desconfiança com relação aos funcionários da portaria. Dizem que fazem “corpo mole” porque deixam entrar muitas pessoas que não são da escola. Atribuem a isto o fato de ter ocorrido uma briga de gangues dentro da escola. O diretor teria dito que poderia fazer com que eles respondessem a três processos em consequência desses atos organizados pelo grêmio. Poderia acusá-los por aliciamento de menores, perturbação da ordem em espaço público e a última acusação eles não lembraram para me contar. Stuart os defendeu dizendo que o ato foi organizado pelos estudantes da escola. Segundo o garoto, o diretor teria rebatido dizendo que a direção do grêmio não representa a vontade dos demais estudantes do Parobé, e acrescentou que se ele quisesse poderia fechar o grêmio. Mesmo que o ambiente escolar não incentive a participação, isso não impede que os jovens elaborem, a seu modo, formas de engajamento e contestação que contribuem para suas formações como cidadãos. A partir da realização das atividades cotidianas, dos protestos, da produção de textos, panfletos, a participação torna-se uma narrativa da autoimagem que buscam para si. O trabalho junto ao grêmio significa, também, um reconhecimento no espaço da escola; passam a se colocar como sujeitos políticos assumindo uma autoidentidade positiva e distintiva em relação à tendência social de massificação e homogeneização da juventude. Para eles, é na concretização do processo de participação nas questões da escola, da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

problematização da realidade social e política do Brasil que se identificam como conscientes, politizados.

A imagem de um grêmio estudantil politizado, consciente e democrático foi sendo arranhada na medida em que seus integrantes perderam a possibilidade de se dedicar à agremiação. Sobretudo, em um dado momento, o comportamento dos dirigentes da agremiação é colocado em xeque de forma ostensiva, principalmente pelos estudantes não participantes do GEPA. Estes são de grande importância para a representação que o grupo participante faz de si mesmo e incorpora em termos de atuação.

Através de conversas com os alunos não participantes pude constatar que a maioria deles não se sente motivada em participar. De dez estudantes entrevistados, apenas dois participaram de alguma forma do GEPA. Mas isso só foi constatado ao longo da conversa. Outros dois definiram-se como não participantes. Apesar de passarem por lá de vez em quando, não consideram como participação a passagem pelo grêmio com intuito de pegar bola ou violão. Um deles ressaltou que ficara com a chave do grêmio por duas vezes. Para esse jovem, participar do grêmio estudantil envolveria um compromisso. Através de conversas com os alunos não participantes pude constatar que a maioria deles não se sente motivada em participar. Nazzari (2006) observa que a eficácia política influencia na participação; a identificação com as ideias do grupo é importante. Esses jovens precisam também ver concretizada alguma ação atribuída ao grêmio com relação aos problemas dos estudantes no dia a dia da escola. Cinco dos entrevistados, quando questionados porque não participam, disseram: “não tenho interesse”, “não sei o que é o grêmio”, “falta de tempo e vontade”, “não gosto de me envolver, sou bem na minha”. Alguns não souberam expressar qual atividade o grêmio poderia desenvolver. Um menino de dezessete anos, depois de pensar alguns instantes e com expressão de dúvida, arriscou um palpite: “ajudar os alunos?”. Segundo esses estudantes, o grêmio é o “local onde as pessoas se reúnem para decidir sobre coisas de interesse da escola”, “poder político dos alunos na escola, liderança na escola”, “grupo de pessoas que luta pelos alunos para melhorar a escola”. Quando falam de torneios, formaturas e gincanas ressaltam também o aspecto do lazer, da sociabilidade juvenil muito presente nas experiências de um grêmio estudantil e nessa idade da vida. De uma maneira geral, os estudantes que não participam do grêmio ressaltaram a falta de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

objetividade do GEPA para reivindicar coisas que eles acham importante para a escola como a pintura dos prédios, projetos sociais envolvendo os alunos, palestras, torneios, gincanas etc. Um estudante do ensino médio que acompanhou o protesto contra o bar da escola organizado pela direção do grêmio disse:

não era um movimento, era uma algazarra o protesto, venderam lanche por um real, sentia que eles... era uma brincadeira. Acho que é isso, o bar do Chico não tem qualidade, batalhar por isso, mas sério, os professores inventam regras, não sei se era assim, mas (o papel do grêmio) era contestar contra isso.

Se o protesto tivesse trazido consigo a melhoria daquela situação acredito que o jovem não teria essa opinião sobre o evento. Interpreto a fala do menino como uma reprodução das imagens presentes na sociedade que não vê esse tipo de movimento positivamente; consideram-se os envolvidos como baderneiros, e não sujeitos engajados em busca de um bem para sua comunidade. Outra menina entrevistada reproduziu essa visão com relação ao protesto contra a direção, pela tentativa da mesma de diminuir os turnos do ensino médio (no dia da caminhada até a Secretaria da Educação do Estado) quando disse: “não fui ao protesto do ensino médio porque achei uma falta de educação dos alunos, de chegarem gritando”. O entusiasmo que os jovens têm nesse tipo de manifestação coletiva, incentiva algumas atitudes mais exageradas que individualmente os jovens não ousariam. Segundo Martins (2010), os protestos, as passeatas vistas pelos de fora, são caracterizadas como badernas. O autor traça uma comparação com o movimento da década de 60 que também sofreram críticas por práticas como essas. As críticas funcionam como desqualificação das atividades organizadas por estudantes. Há toda uma expectativa por parte dos outros com relação aos jovens que participam do grêmio, que esperam atitudes ideais devido ao interesse por questões coletivas e políticas em torno da escola e da sociedade (MARTINS, 2010).

No GEPA, a saída de alguns membros da direção foi vista de maneira negativa, pois não conseguiram novos integrantes com o perfil desejado para levar adiante o projeto da chapa. Apesar das investidas durante algum tempo com a colaboração dos voluntários, Stuart não se mostrou satisfeito diante da nova configuração do grêmio. Mesmo depois de se desligar da chapa oficialmente, Márcio prontificou-se a ajudar, abrindo o grêmio por algum tempo. Leandro e Tadeu também saíram por conta de trabalho e estágios.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Alguns integrantes do grêmio consideram os não participantes acomodados, por ter pouca idade, “gurizão”, ou porque não tem um espírito “revolucionário”, “contestador”. As imagens que eles fazem dos não participantes está relacionada a pessoas que “não tem cabeça”, “abobados”, que aceitam as coisas pacatamente porque não se interessam em discutir questões mais amplas da escola e da sociedade. Os integrantes do GEPA falam que as críticas por parte dos não participantes é inaceitável, já que nunca se interessaram em ajudar. Porém, reconhecem que o grêmio está abandonado e as dificuldades em administrá-lo. Contudo, o engajamento do núcleo GEPA gira em torno do interesse em usufruir da sociabilidade inerente a esse espaço, de tornar-se reconhecido pelos estudantes da escola e o status que isso proporciona, do papel politizador que os participantes atribuem a si.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar trago alguns apontamentos que sintetizam este estudo a partir dos dados etnográficos acima apresentados. A pesquisa no Grêmio Estudantil Parobé proporcionou um olhar sobre os sentidos que esses jovens atribuem à participação. Assim, identifiquei três níveis de participação que me permitem classificar os estudantes em relação ao engajamento no grêmio estudantil: os militantes, os engajados e os não-participantes.

Classifico como militantes aqueles jovens que já haviam participado de organizações políticas antes de suas atuações no GEPA. Portanto, Stuart, Tadeu e Paola são os militantes. Paola, a mais experiente deles, iniciou sua militância política na adolescência. Tadeu e Stuart apesar de não terem participado de grêmio estudantil anteriormente, tiveram a participação na Luta Marxista como fundamental alicerce para o GEPA nas duas gestões. Os militantes veem-se como jovens conscientes porque entendem os meandros do sistema capitalista e de como este modo de produção se impõe no cotidiano dos indivíduos. Esses jovens defendem uma transformação social radical, são defensores de uma sociedade socialista composta por sujeitos conscientes



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

pensando criticamente a realidade ao seu redor. Os outros que se mostram como espelhos sobre o qual buscam uma imagem de si são os engajados e os não participantes. Eles se consideram superiores a estes, pois veriam além dos demais jovens, em função de seus comprometimentos com as causas coletivas, pelo interesse em política através da leitura que fazem da realidade social. Aos olhos dos engajados, os militantes, geralmente, são vistos de forma positiva por sua seriedade e comprometimento com a causa que defendem, e os consideram mais políticos do que eles. Márcio, Leandro e os voluntários são os que classifico como os engajados. A convivência com os colegas no GEPA foi desenvolvendo neles o entusiasmo em participar, organizar os eventos e as atividades no grêmio. Também consideram que o convívio com militantes incentivou-os a uma outra visão de si e da forma como se posicionam diante dos problemas da escola e fora dela. Contudo, constatei, ao longo da pesquisa, que os engajados consideram os militantes muito radicais em alguns posicionamentos, na forma de tratar os outros jovens, e também, na forma como veem o mundo. Os engajados consideram-se conscientes quando comparados aos não participantes, os veem como “abobados” que quando vão ao grêmio é para usufruir de forma descomprometida. A imagem que os não participantes fazem dos militantes e dos engajados é negativa. Estes são vistos pelos não participantes como baderneiros e infantis. Eles não se identificam com a forma como o grêmio se configura. Mas, não se mostram dispostos a contribuir para uma forma diferente de participação no grêmio. Contudo, atribuem importância ao grêmio estudantil como um local de representação dos estudantes na escola. Para os jovens do Parobé (militantes, engajados e não participantes) a participação é algo que vai além da frequência no grêmio estudantil, envolve consciência dos problemas da escola e da sociedade, pensar soluções objetivas aos problemas dos estudantes, criar projetos extracurriculares. Portanto, para esses jovens o grêmio estudantil é um espaço de representação do estudante na escola no qual eles podem dividir angústias, dúvidas, alegrias, conquistas longe dos olhos dos mais velhos, porque nesse espaço o jovem torna-se protagonista.

Dentre os segmentos que servem de referência para a autoimagem do grupo, observo que a atuação da direção do grêmio se dá pela forma que eles veem esses outros e os modos diversos pelos quais eles se veem nessa relação. No período em que o grêmio



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

está mais ativo, os estudantes participantes sentem-se diferentes dos demais, de certa forma veem-se como superiores daqueles outros “inexperientes”, “sem cabeça”, “alienados”, “abobados”, “sem compromisso com um ideal”, estes estariam mais interessados em desfilarem com um tênis da moda do que se engajar em uma causa comum buscando romper com a imagem de juventude alienada. Os dirigentes do GEPA voltam seus olhares para si próprios tendo como referência os demais estudantes, os funcionários e a direção da escola, também. Portanto, fazem dos outros, espelhos nos quais se refletem e procuram agir de forma coerente, reforçando a imagem que veem refletida ou buscando corrigi-la.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Lúcia de Rabello. *Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum*. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 16, n. 30, p. 253-268, jun. 2008.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo César R. *Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo*. [2003?]. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/objuventude/textos/JOVENS%20BRASIL%20MEXICO.pdf>. Acesso: 04 set. 2009.

MARTINS, Francisco André Silva. *“A voz do estudante na educação pública: um estudo sobre participação de jovens por meio do grêmio estudantil”*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2010. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/objuventude/acervo-detalle.php?id=7>. Acesso em: 12 out. 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

NAZZARI, Rosana Kátia. *Capital social, cultura e socialização política: a juventude brasileira*. In BAQUERO, Marcelo; CREMONESE, Dejalma (orgs). *Capital Social. Teoria e Prática*. Ijuí: Unijuí, 2006.

NOVAES, Sylvia Caiuby. *Jogo de espelhos: imagens da representação de si através dos outros*. São Paulo: EDUSP, 1993.